



## **INTERPRETER OF MALADIES E SUAS REESCRITAS EM LÍNGUA PORTUGUESA<sup>1</sup>**

**Greicilaine Agostinho Martins**

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

E-mail: greicyagm@gmail.com

**Andréa Moraes da Costa**

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

E-mail: andrea@unir.br

**Resumo:** Este trabalho é uma proposta de análise do conto *Interpreter of Maladies* (1999), de Jhumpa Lahiri, e de suas duas reescritas para a língua portuguesa realizadas pelos tradutores Paulo Henriques Britto (2001) e José Rubens Siqueira (2014). Esta análise visa demonstrar que há elementos presentes nas narrativas desse conto que podem possibilitar reflexões acerca da atividade tradutória, as quais podem revelar certos desafios enfrentados pelo sujeito tradutor durante sua tarefa. Para tanto, o estudo parte do cotejo entre o texto fonte e suas respectivas traduções, analisando as diferentes escolhas de cada tradutor e suas implicações nas possíveis interpretações realizadas pelas culturas receptoras dessa produção literária. O aporte teórico conta com autores como André Lefevere (2006), Maria José Coracini (2007), entre outros. Como principais resultados, o estudo revela que o conto *Interpreter of Maladies* possui várias menções diretas e indiretas sobre a tradução e a tarefa do tradutor, as quais possibilitam discutir não apenas alguns dos desafios enfrentados pelo sujeito tradutor em sua tarefa, mas também questões sociopolíticas e identitárias que remetem ao diálogo existente entre os Estudos da Tradução e os Estudos Culturais.

**Palavras-chave:** Identidade. *Interpreter of Maladies*. Jhumpa Lahiri. Tradução.

## **INTERPRETER OF MALADIES AND THEIR REWRITING IN PORTUGUESE LANGUAGE**

**Abstract:** This work is an analysis purposal of Jhumpa Lahiri's *Interpreter of Maladies* (1999), and its rewritings to portuguese language by the translators Paulo Henriques Britto (2001) and José Rubens Siqueira (2014). The analysis aims to demonstrate that some elements present in the narrative can provide reflections on the translation activity, which may reveal certain challenges faced by the translator in his task. This study involves a comparison between the source text and its translations analysing the different choices of each translator and its possible implications in the interpretations realized by the recipient cultures of this literary production. The theoretical contribution counts on authors like André Lefevere (2006), Maria José Coracini (2007), among others. As main results, the study reveals that *Interpreter of Maladies* has several direct and indirect references that refer to the translator's task and translation, making it possible to discuss not only some of the challenges faced by the translator, but also socio-political and identity issues which refer to the connection between Translation Studies and Cultural Studies.

**Keywords:** Identity. *Interpreter of Maladies*. Jhumpa Lahiri. Translation.

<sup>1</sup> Este estudo trata-se de um excerto do trabalho de conclusão de curso intitulado "Uma análise do conto *Interpreter of Maladies* e de suas duas reescritas para a Língua Portuguesa: Desafios da Tarefa do Tradutor", apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Andréa Moraes da Costa.

## Introdução

Este trabalho apresenta uma análise do conto *Interpreter of Maladies* (1999), da autora Jhumpa Lahiri, e de suas duas traduções para a língua portuguesa, ambas intituladas *Intérprete de Males* realizadas pelos tradutores Paulo Henriques Britto (2001) e José Rubens Siqueira (2014).

Assim sendo, o principal objetivo deste estudo é demonstrar que há elementos presentes nas narrativas do conto *Interpreter of Maladies* e de suas respectivas traduções para a Língua Portuguesa que possibilitam reflexões acerca da atividade tradutória, as quais podem revelar certos desafios enfrentados pelo sujeito tradutor.

Com relação à metodologia utilizada para a realização de nossa análise, optamos pela pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada nos Estudos da Tradução de André Lefevere (2006), assim como em Maria José Coracini (2007). Contamos também com o respaldo teórico de Stuart Hall (2006) no que se refere aos autores dos Estudos Culturais.

Portanto, em nossa análise, consideramos a realização do cotejo de alguns excertos extraídos do conto *Interpreter of Maladies* e de suas duas reescritas para a língua portuguesa. No mais, para abordar questões referentes à tradução e os desafios do sujeito tradutor, partimos da perspectiva contemporânea dos Estudos da Tradução em consonância com a perspectiva dos Estudos Culturais.

A hipótese deste trabalho é que as narrativas do conto objeto deste estudo possibilitam discussões acerca da atividade tradutória, suscitando, ainda, reflexões sobre questões sociopolíticas e identitárias, temas de extrema importância no âmbito dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais, pois as discussões atuais sobre tradução literária são marcadas pela interdisciplinaridade e, em concordância com os Estudos Culturais, exploram temas como identidade cultural, manipulação, ideologia, poder, dentre outras questões.

Estudos com foco no tradutor são de suma importância por valorizarem o papel deste profissional, considerando sua responsabilidade face aos desafios provenientes dessa tarefa de extrema complexidade que é a tradução. Logo, estudos com ênfase nesse profissional são cada vez mais necessários, visto que a tradução é uma tarefa que exige muito mais do que conhecimentos culturais e linguísticos, afinal, muitos outros aspectos são extremamente relevantes no processo tradutório. Alguns

exemplos, nesse sentido, são a criatividade do tradutor, sua visão de mundo, a demanda do mercado editorial, dentre outros. Deste modo, as reflexões aqui apresentadas podem contribuir com as discussões acerca da tarefa tradutória, possibilitando reflexões sobre os desafios enfrentados pelo sujeito tradutor, bem como sobre sua responsabilidade na manipulação de uma determinada literatura.

Esta pesquisa também pretende contribuir no âmbito social quando se propõe a ampliar as discussões a respeito do papel da tradução no mundo em que vivemos, assegurando visibilidade ao ofício e a identidade do profissional que atua na área da tradução.

### **Sobre a autora**

Nilanjana Sudeshna Lahiri (1967) é considerada uma das maiores escritoras da nova literatura de língua inglesa. Mais conhecida como Jhumpa Lahiri, a autora nasceu em Londres, mas cresceu nos Estados Unidos. Seus pais, Tapati e Amar Lahiri, imigrantes indianos, buscando manter o contato com sua tradição, organizaram viagens frequentes para a Índia a fim de que a tradição não se perdesse dos filhos. Em decorrência destes deslocamentos, Lahiri cresceu imersa na realidade de culturas distintas, baseando suas obras em todas as culturas com as quais teve contato.

Vencedora de prêmios como o *Pulitzer*, *O'Henry*, *PEN/Hemingway*, *Addison Metcalf Award*, entre outros, Lahiri é graduada em Literatura Inglesa pelo *Barnard College*, na Universidade de Columbia. A autora é pós-graduada na Universidade de Boston, onde obteve o título de mestre em Língua Inglesa, Escrita Criativa e Literatura Comparada, além do título de doutorado em Estudos da Renascença. Sua formação também inclui a estadia no *Fine Arts Work Center*, em Massachussets, um centro de apoio para artistas em ascensão, possibilitando que tenham tempo para trabalhar exclusivamente em suas produções literárias.

Inicialmente, Lahiri publicou contos em periódicos como *The New Yorker* e *Agni*, sendo reconhecida pela crítica. Em 1999, lançou sua primeira obra, uma coletânea de contos intitulada *Interpreter of Maladies*, sendo surpreendida pelo prêmio Pulitzer. Desde então, a autora tem produzido obras nas quais temas como identidade, exílio, choque cultural e a sensação de não pertencimento são temas recorrentes.

Dentre suas principais obras, destacam-se: *The Namesake*<sup>2</sup> (2003); *Unaccustomed Earth*<sup>3</sup> (2008), *The Lowland*<sup>4</sup> (2013), *In Altre Parole*<sup>5</sup> (2015) e *The Clothing of Books*<sup>6</sup> (2016).

A autora também possui experiências na área da tradução, tendo reescrito para a língua inglesa o *best-seller* italiano intitulado *Ties*<sup>7</sup> (2014), de Domenico Starnone. Além disso, em algumas de suas entrevistas, Lahiri teceu diversos comentários relevantes para pesquisas que envolvem sua relação com a literatura e com a tradução. Assim, é possível afirmar que reflexões sobre tradução estão presentes em grande parte de seu discurso e em suas produções escritas, instigadas pelos seus diversos deslocamentos e pela sua determinação em preservar a tradição de seus pais em outras culturas.

Atualmente, Lahiri reside na Itália, estabelecendo vínculo com mais uma cultura. Seu interesse pelo aprendizado da língua local culminou na produção da obra autobiográfica intitulada *In Altre Parole*, na qual a autora não apenas escreve em italiano, mas também revela sua profunda paixão pela língua italiana.

### **Sobre os tradutores**

A respeito dos tradutores do conto *Interpreter of Maladies*, Paulo Henriques Britto é responsável pela primeira tradução do conto para a língua portuguesa, publicada em 2001 pela editora Companhia das Letras. Escritor, poeta e tradutor, Britto também traduziu autores como William Faulkner e Lord Byron. Possui graduação em Letras Inglês e Português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestrado em Letras pela mesma instituição, que lhe conferiu o título de Reconhecimento por Notório Saber. Britto possui experiências como tradutor e professor em cursos de tradução, criação literária e literatura brasileira, tendo produzido obras teóricas e artigos sobre Tradução.

---

<sup>2</sup> *O xará*

<sup>3</sup> *Terra descansada*

<sup>4</sup> *Aguapés*

<sup>5</sup> *Em outras palavras*

<sup>6</sup> *A vestimenta dos livros*

<sup>7</sup> *Laços*

Na sequência, a segunda tradução do conto de Lahiri para a língua portuguesa foi realizada por José Rubens Siqueira, publicada em 2014 pela editora Biblioteca Azul. Tradutor de grandes nomes da literatura, incluindo Shakespeare, Toni Morrison, J. M. Coetzee, entre outros autores, Siqueira também é escritor, diretor e cenógrafo, tendo recebido diversos prêmios por estes trabalhos. Sua formação acadêmica inclui graduação em Comunicações das Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, universidade a qual também lhe conferiu o título de Reconhecimento por Notório Saber. Siqueira atua como docente nas áreas de Linguística, Letras e Artes desde 2001.

### **Sobre o conto**

*Interpreter of Maladies* é um conto homônimo a coletânea da qual faz parte, possuindo, até o momento, duas traduções para a língua portuguesa. Escrito, primeiramente em língua inglesa, o conto foi publicado pela editora Houghton Mifflin em 1999.

O conto narra uma situação pela qual o Sr. Kapasi, personagem principal do conto, passa em seu trabalho como guia turístico ao levar os Das, uma família de americanos, para um passeio em *Konarak*, um vilarejo histórico localizado na Índia. Ao longo do caminho em direção ao Templo do sol, os personagens estabelecem diálogos aleatórios sobre seu cotidiano. Kapasi, por exemplo, revela detalhes de sua outra profissão como intérprete de um médico, fato que surpreende o Sr. e a Sra. Das, que, por sua vez, ao contar um pouco de sua história, revelam que visitam a Índia de dois em dois anos para rever seus pais.

A princípio, é notável que a Sra. Das ignora o Sr. Kapasi, porém, a partir do momento que ele revela ser intérprete, ela volta sua atenção para ele. A fim de conhecer mais de suas histórias, a Sra. Das reflete sobre a importância do ofício do Sr. Kapasi como intérprete, o que chama bastante a atenção dele, afinal, em sua própria concepção, sua profissão era como qualquer outra. A Sra. Das chega a se referir ao trabalho de Kapasi como sendo algo “romântico” e como uma responsabilidade maior que a do médico. Na narrativa é elucidado que “O Sr. Kapasi nunca tinha pensado em

seu trabalho de forma tão positiva”<sup>8</sup> (Tradução nossa), e que, para ele, “O trabalho era um sinal de suas falhas”<sup>9</sup> (Tradução nossa).

Assim, mediante estes e outros comentários da Sra. Das, o Sr. Kapasi dá início a uma série de pensamentos um tanto sugestivos, envolvendo suposições sobre o casal. A exemplo disto, podemos citar a passagem em que o Sr. Kapasi pensou que, possivelmente, o casal de americanos:

[...] fossem uma má combinação, assim como ele e sua mulher. Talvez também não tivessem muito em comum, além de três filhos e uma década de suas vidas. Os sinais que o Sr. Kapasi conhecia de sua própria vida de casado estavam lá – as indagações, a indiferença, os silêncios prolongados. O súbito interesse que a sra. Das manifestara no Sr. Kapasi, era um interesse que ela não demonstrava nem pelo marido nem pelos filhos, era um pouco intoxicante. Quando o Sr. Kapasi pensou mais uma vez que ela usara a palavra ‘romântico’, a sensação de intoxicação intensificou-se ainda mais<sup>10</sup> (Tradução nossa).

Outras situações ocasionam a intensificação desses pensamentos. Um exemplo é quando a Sra. Das pede o endereço de Kapasi para enviar as fotos que tiraram juntos e faz questão de que ele sente junto da família à mesa, assim, Kapasi passa a idealizar momentos futuros com a Sra. Das, imaginando que:

Ela lhe escreveria, perguntando sobre seus dias interpretando no consultório do médico, e ele responderia com eloquência, escolhendo apenas as partes divertidas, aquelas que a fariam dar gargalhadas em sua casa em Nova Jersey. Com o passar do tempo ela lhe revelaria sua decepção com o casamento, e ele faria o mesmo. Dessa maneira a amizade entre eles iria crescer e florescer<sup>11</sup> (Tradução nossa).

Durante a conversa com a Sra. Das, Kapasi fica tão pensativo que, até mesmo, sublima um antigo desejo. Ele imagina que “[...] explicaria coisas a respeito da Índia para ela, e ela lhe explicaria coisas a respeito da América para ele. A seu

---

<sup>8</sup> “Mr. Kapasi had never thought of his job in such complimentary terms” (LAHIRI, 1999, p. 18)

<sup>9</sup> “The job was a sign of his failings” (LAHIRI, 1999, p.18).

<sup>10</sup> “[...] were a bad match, just as he and his wife were. Perhaps, they, too, had little in common apart from three children and a decade of their lives. The signs he recognized from his own marriage were there – the bickering, the indifference, the protracted silences. Her sudden interest in him, an interest she did not express in either her husband or her children, was mildly intoxicating. When Mr. Kapasi thought once again about how she said “romantic,” the feeling of intoxication grew” (LAHIRI, 1999, p.19).

<sup>11</sup> “She would write to him, asking about his days interpreting at the doctor’s office, and he would respond eloquently, choosing only the most entertaining anecdotes, ones that would make her laugh out loud as she read them in her house in New Jersey. In time she would reveal the disappointment of her marriage, and he his. In this way their friendship would grow and flourish” (LAHIRI, 1999, p. 23).



modo, essa correspondência seria a realização de seu sonho: ele estaria atuando como intérprete entre nações” (Tradução nossa).<sup>12</sup>

No entanto, ao longo do passeio, surgem diversos conflitos por falta de entendimento do que está sendo dito. A Sra. Das, por exemplo, acredita que por ser intérprete, Kapasi pode entender seus problemas pessoais e apresentar soluções para suas dores, revelando-lhe segredos como o fato de que seu filho mais novo é fruto de uma traição. Intrigado com os relatos da Sra. Das, Kapasi questiona os motivos pelos quais ela lhe revelou estas informações. Ao perceber que não está sendo compreendida, ela se irrita e o conflito entre eles se intensifica.

Sem entender, Kapasi percebe que estava equivocado ao imaginar situações entre ele e a Sra. Das, conforme podemos notar por meio do narrador, quando ele comenta que: “O sentimento que ele [Kapasi] tinha em relação a ela, que o levou a examinar seu reflexo no retrovisor repetidas vezes conforme dirigia evaporou um pouco” (Tradução nossa).<sup>13</sup> A sra. Das, por sua vez, passou a agir com indiferença, pois, na sequência, o narrador menciona que: “ela virou para ele com raiva, seus lábios rosados estavam cobertos de óleo de mostarda. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas enquanto olhava para o Sr. Kapasi, percebeu algo, então parou”<sup>14</sup> (Tradução nossa).

Na sequência, apesar de Kapasi ter avisado que os macacos poderiam ficar agressivos ao verem comida, a Sra. Das sai do carro derramando *muri*<sup>15</sup> pelo chão, o que acarreta um dos macacos acabar agredindo seu filho. Por fim, a família decide ir embora e Kapasi percebe que a sra. Das perdeu o papel com seu endereço.

Como podemos perceber, várias questões sobre tradução aparecem no conto, de modo que podemos enfatizar alguns fatos que, direta ou indiretamente, possibilitam discutir questões relevantes para os Estudos da Tradução por estarem relacionados à tradução e à tarefa tradutória. Um fato notável é que no conto, problemas de

---

<sup>12</sup> “He would explain things to her, things about India, and she would explain things to him about America. In its own way this correspondence would fulfill his dream, of serving as an interpreter between nations. (LAHIRI, 1999, p. 23).

<sup>13</sup> The feeling he had toward her, that had made him check his reflection in the rearview mirror as they drove, evaporated a little” (LAHIRI, 1999, p. 27).

<sup>14</sup> “She turned to him and glared, mustard oil thick on her frosty pink lips. She opened her mouth to say something, but as she glared at Mr. Kapasi some certain knowledge seemed to pass before her eyes, and she stopped” (LAHIRI, 1999, p. 28).

<sup>15</sup> Também conhecido como mudhi ou murai, é um tipo de grão de arroz inchado e trata-se de um alimento de rua popular na Índia.

comunicação são constantes e, apesar de falarem a mesma língua, os personagens constantemente se desentendem.

O Sr. Kapasi, por exemplo, não compreende algumas expressões utilizadas pela Sra. Das ao longo de seus diálogos. O que, ao associarmos à tarefa do tradutor, pode possibilitar reflexões sobre certas limitações com as quais este profissional pode se deparar. É interessante que, quando a Sra. Das começa a exigir que o Sr. Kapasi interprete seus problemas e lhe sugira alguma solução, também podemos destacar reflexões sobre as imposições e/ou expectativas do patrono<sup>16</sup> sobre o tradutor.

A respeito destes problemas comunicativos entre os personagens, em sua análise de *Interpreter of Maladies*, Lynn Blyn (2014, p. 179) argumenta que existem duas variações da língua inglesa presentes no conto, isto é, o inglês falado por Kapasi e o inglês falado pelos americanos. A autora explica que "A realização de *Interpreter of Maladies* é a orquestração de Lahiri desses diferentes padrões sociais, bem como dos padrões diferentes do inglês, para criar a tensão da narrativa em seu conto"<sup>17</sup> (Tradução nossa). Portanto, para Blyn (2014, p. 168):

Lahiri está traduzindo cultura, mas não apenas a cultura indiana, ela também está traduzindo a cultura da família Bengali/Americana. A respeito de suas histórias, Lahiri disse 'todos os personagens que desenho enfrentam alguma barreira de comunicação. Eu gosto de escrever sobre pessoas que pensam de uma maneira que não podem expressar totalmente'<sup>18</sup> (Tradução nossa).

É importante observar que estas variações só são percebidas no texto de partida escrito por Lahiri, pois, de fato, elas se perderam mediante as reescritas para a língua portuguesa, conforme mostraremos na análise das traduções do referido conto. No mais, como podemos perceber, não é apenas uma dificuldade linguística que acarreta nos problemas de comunicação entre o Sr. Kapasi e a Sra. Das, mas também questões relacionadas aos interesses pessoais dessemelhantes dos personagens.

Em um outro estudo de *Interpreter of Maladies*, a autora Anca Mihaela Dobrinescu (2014, p. 106) explica que possivelmente "a sra. Das interpretou

---

<sup>16</sup> Aquele que solicita/financia traduções.

<sup>17</sup> "The achievement of "Interpreter of Maladies" is Lahiri's orchestration of these diferente social code standards, as well as the diferent Standard Englishes to create the narrative tension in her story (BLYN, 2014, p. 179).

<sup>18</sup> Lahiri is translating culture, but not only Indian culture, she is also translating the culture of the Bengali/American Family. Of her stories, Lahiri has said "the characters I drawn to all face some barrier of communication. I like to write about people who think in a way they can't fully express" (BLYN, 2014, p. 168).



erroneamente ‘o intérprete de males’. Ela queria um remédio para curar seus problemas, na expectativa de se sentir melhor e aliviada. Para Dobrinescu, o Sr. Kapasi queria, em vez disso, “realizar seu sonho de servir como intérprete entre nações”<sup>19</sup> (Tradução nossa). Por meio destas considerações é possível notar que não ocorre somente uma dificuldade linguística, mas também relacionada à hermenêutica.

Neste sentido, assimilando as questões sobre tradução, este ponto da narrativa assemelha-se a algo que pode vir a ocorrer com o tradutor literário e, que é um grande desafio em sua tarefa, pois ele pode, por exemplo, interpretar uma determinada sentença partindo de sua subjetividade, de modo que não corresponda às possíveis ideias presentes no texto fonte. Não estamos afirmando que o tradutor deva buscar a “intenção do autor”, pois temos restrições acerca disto, uma vez que estamos tratando de textos literários e a subjetividade, por exemplo, faz parte deste universo. Cabe ao tradutor que é um leitor, assim, encaminhar-se rumo à interpretação do conteúdo ao qual se depara.

O ponto a ser discutido é que, muitas vezes, as ideias presentes no texto fonte podem possuir uma carga semântica extensa e, se tratando de literaturas, questões como a ambiguidade podem fazer com que o tradutor se defronte com um desafio ainda maior, que possivelmente será solucionado a partir da gama de possibilidades pelas quais ele dispõe na cultura alvo, incluindo a recriação de expressões e neologismos, por exemplo.

No mais, Dobrinescu (2014, p. 107) considera algo que pode ser bastante revelador para as discussões sobre os Estudos de Tradução e os Estudos Culturais no cerne do conto de Lahiri. Para a autora:

*Interpreter of Maladies* tenta oferecer uma interpretação para os males da sociedade contemporânea e do indivíduo, inevitavelmente preso entre o aqui e o agora, e ainda assim não pertencendo nem aqui nem ali. Assim como o Sr. Kapasi, Lahiri gostaria de servir ‘como intérprete entre nações’, mas principalmente como uma intérprete para as ansiedades e tormentos do indivíduo moderno<sup>20</sup> (Tradução nossa).

---

<sup>19</sup> Mrs. Das misinterpreted ‘the interpreter of maladies.’ She wanted some remedy to cure her consciousness, expecting to feel better and relieved. Mr. Kapasi wanted instead to “fulfill his dream, of serving as an interpreter between nations” (DOBRINESCU, 2014, p. 106).

<sup>20</sup> *Interpreter of Maladies* attempts to offer an interpretation of the maladies of the contemporary society and of the individual inevitably caught between here and there and yet belonging neither here or there. Just like Mr. Kapasi, Lahiri would like to serve ‘as an interpreter between nations’, but mainly as an interpreter for the modern individual’s anxieties and torment (DOBRINESCU, 2014, p.107).

Corroboramos com essa ideia, afinal, Lahiri está representando culturas distintas ao longo destas narrativas e, como veremos mais adiante, o conto também explora diversos temas contemporâneos que são de interesse para as pesquisas na área da tradução e dos Estudos Culturais. Veremos, conforme analisamos os excertos do conto e suas reescritas em língua portuguesa, que as narrativas revelam muitos outros desafios enfrentados pelo sujeito tradutor em sua tarefa.

Nesta discussão, apresentaremos o cotejo<sup>21</sup> de alguns excertos das narrativas do conto *Interpreter of Maladies* (1999), de Jhumpa Lahiri, e de suas traduções para a língua portuguesa, a fim de demonstrar que diversos elementos presentes nestas narrativas remetem à tradução e a tarefa tradutória, discutindo ainda, algumas questões referentes à tomada de decisões dos tradutores Paulo Henriques Britto e José Rubens Siqueira.

A princípio, é importante ressaltar que em vários momentos do conto, é possível identificar semelhanças entre o ofício do intérprete e do tradutor, incluindo questões que suscitam vários desafios em ambas as áreas de atuação. Além disso, muitos dos elementos que remetem à tradução e à tarefa tradutória no conto, partem de narrativas sobre o ofício do Sr. Kapasi, tanto como intérprete quanto em um período no qual o personagem atuou como tradutor. Por este motivo, para uma melhor compreensão de nossa análise, é necessário distinguir estes ofícios, afinal, no trabalho do intérprete, a mensagem é repassada no contexto da oralidade, muitas vezes realizada simultaneamente, podendo contar com diversos recursos específicos, como cabines, por exemplo. Já o tradutor, trata-se de um profissional que lida diretamente com a escrita.

Assim, entendemos que devido à recorrência de menções diretas e indiretas à tarefa tradutória nessas narrativas, é possível discutir algumas questões de grande importância para as pesquisas atuais em tradução, principalmente no que diz respeito aos desafios enfrentados pelos profissionais da área. Portanto, conforme identificamos os elementos que possibilitam suscitar tais reflexões, partimos de algumas assimilações entre o trabalho do intérprete e do tradutor.

---

<sup>21</sup> A palavra 'cotejo' consiste na comparação realizada entre diferentes versões de um mesmo texto.

Um fato notável nos excertos que analisaremos adiante, é que os tradutores não fizeram uma distinção clara entre variantes dos termos ‘interpretar’<sup>22</sup> e ‘traduzir’. Os termos, aparentemente, foram empregados de maneira espontânea, como se fossem simplesmente sinônimos que não afetassem diretamente as possíveis leituras desta obra pela cultura receptora. Assim sendo, percebemos que as decisões dos tradutores, em alguns casos, podem suscitar ideias diferentes das que constam no texto de partida.

No conto, muitos dos desafios referentes à tarefa tradutória, por exemplo, emergem das descrições do trabalho do Sr. Kapasi como intérprete. Estes desafios, também aparecem em narrativas de seu passado, conforme sua trajetória intelectual é resgatada. Em diversos momentos, o personagem aparece empenhado no estudo de línguas estrangeiras, realizando traduções literárias. Assim, além das reflexões sobre tradução partindo das narrativas em que a tarefa tradutória é mencionada diretamente, também consideramos as possíveis semelhanças do ofício do Sr. Kapasi como intérprete, e do que há em comum com a tradução.

### Os desafios do sujeito tradutor

Em *Interpreter of Maladies* muito do que diz respeito ao desafio intelectual enfrentado pelo sujeito tradutor refere-se à dedicação em seus estudos. Os excertos a seguir demonstram que, enquanto tradutor, o Sr. Kapasi é engajado em uma busca que se apresenta como uma espécie de devoção por uma bagagem cultural que seja capaz de abranger a demanda exigida de profissionais da área. Observemos o exemplo a seguir:

[TP]<sup>23</sup>

[...] he'd been a devoted scholar of foreign language, the owner of an impressive collection of dictionaries. He had dreamed of being an interpreter for diplomats and dignitaries, resolving conflicts between people and nations, settling disputes of which he alone could understand both sides (LAHIRI, 1999, p.18).

[TC1]<sup>24</sup>

[...] estudava línguas estrangeiras com afinco e possuía uma coleção respeitável de

---

<sup>22</sup> Nos estudos atuais da tradução, o termo ‘Interpretar’ também é muito utilizado no sentido de ‘hermenêutica’. Em nosso estudo, o termo aparece referindo-se ao ofício do intérprete.

<sup>23</sup> Texto de Partida

<sup>24</sup> Texto de chegada 1

dicionários. Sonhava tornar-se intérprete e trabalhar com diplomatas e autoridades, resolvendo conflitos entre pessoas e nações, negociando disputas em que só ele seria capaz de entender as duas partes envolvidas (BRITTO, 2001, p. 66).

**[TC2]<sup>25</sup>**

[...] tinha sido um dedicado estudioso de línguas estrangeiras, dono de uma impressionante coleção de dicionários. Sonhava em ser intérprete de diplomatas e dignitários, resolvendo conflitos entre povos e nações, assentando disputas nas quais só ele conseguiria entender os dois lados (SIQUEIRA, 2014, p. 60).

Nos excertos apresentados, podemos listar alguns elementos que estão diretamente relacionados à tarefa tradutória. Dentre estes, destacam-se: a dedicação no estudo de línguas estrangeiras; alguns dos materiais necessários para que estes estudos sejam possíveis que também são fontes de consulta importantes para a efetivação da tarefa tradutória; e a potencialidade da tradução no que diz respeito à resolução de conflitos entre povos e nações. Portanto, entendemos que estes elementos são atrelados ao desafio intelectual do tradutor, pois ele está inserido em um contexto bastante complexo que envolve muito mais do que conhecimentos estritamente linguísticos. Nesse caso em específico, entendemos que a preocupação com a resolução de conflitos entre povos e nações pode ser associada a questões sociopolíticas e culturais.

Com relação às traduções para a língua portuguesa, nesses excertos, percebemos que em TP, Lahiri aplicou o termo “devoted” para descrever a maneira como o Sr. Kapasi se dedicava em seus estudos. Em TC1, Britto reescreve a narrativa empregando “com afinco”, ao passo que em TC2, Siqueira descreve o Sr. Kapasi como um “dedicado estudioso”. Essas alternativas nada literais são exemplos claros de como as diferentes decisões dos tradutores, muitas vezes, trazem ideias que se assemelham ao que foi escrito em TP, porém sem alcançar a mesma intensidade do que foi escrito no texto fonte. A ideia de “devoção” presente em TP, em nossa percepção, chega até mesmo a intensificar o sonho do Sr. Kapasi, demonstrando não somente sua dedicação, como ocorre em ambas as reescritas, mas também o gosto pelo que faz.

Na sequência, em relação à jornada do Sr. Kapasi, vemos que:

**[TP]**

He was a self educated man. In a series of notebooks, in the evenings before his parentes settled his marriage, he had listed the common etymologies of words, and

---

<sup>25</sup> Texto de chegada 2

ato ne point in his life he was confident that he could converse, if given the opportunity, in English, French, Russian, Portuguese, and Italian, not to mention Hindi, Bengali, Orissi and Gujarati. Now only a handful of European phrases remained in his memory, scattered words for things like saucers and chairs. English was the only non-Indian language he spoke fluently anymore (LAHIRI, 1999, p. 18).

**[TC1]**

Era um autodidata. Numa série de cadernos, trabalhando à noite, antes de seus pais arranjam-lhe uma noiva, anotava as etimologias comuns das palavras, e a certa altura de sua vida sentia-se capaz de conversar, se tivesse oportunidade, em inglês, francês, russo, português e italiano, sem contar com hindi, bengali, orissi e guzerate. Agora só lhe restavam na memória algumas expressões em línguas europeias, palavras avulsas que designavam coisas como pires e cadeiras. O inglês era a única língua não-indiana que ele ainda falava com fluência (BRITTO, 2001, p. 66 – 67).

**[TC2]**

Era um autodidata. Numa série de cadernos, à noite, antes de seus pais arranjam seu casamento, ele listara a etimologia comum de palavras e a certa altura da vida confiara que era capaz de conversar, se tivesse a oportunidade, em inglês, francês, russo, português e italiano, sem falar de hindi, bengali, oriá e gujaráti. Agora apenas um punhado de frases europeias continuava em sua memória, palavras esparsas para coisas como pires e cadeira. Inglês era a única língua não indiana que ele continuava falando fluentemente (SIQUEIRA, 2014, p. 60).

Nos excertos acima, podemos perceber alguns dos desafios enfrentados pelo Sr. Kapasi, que podem ser relacionados, por exemplo, aos conhecimentos etimológicos necessários ao tradutor. A capacidade de se comunicar em uma ou várias línguas estrangeiras, por exemplo, remete a questões como habilidades linguísticas, fluência e conhecimentos das culturas das quais estas línguas são oriundas, entre outros fatores. Também é possível destacar a necessidade da prática e do contato constante com as línguas estrangeiras, pois no caso do Sr. Kapasi, a consequência da falta de prática foi o esquecimento de línguas as quais ele se considerava capaz de comunicar-se.

Mediante as traduções destes excertos, notamos que em TP, Lahiri menciona “he was confident”, o que sugere a segurança que Sr. Kapasi tinha para conversar em outras línguas. Em TC2, Siqueira consegue gerar o mesmo efeito ao reescrever que o Sr. Kapasi “confiara que era capaz”, o que não acontece quando, em TC1, Britto reescreve como “sentia-se capaz”, perdendo, em sua tradução, a ideia de “confiança”.

Um outro ponto interessante está relacionado à solução encontrada pelos tradutores ao reescrever para o português, a menção às línguas Gujarati e Orissa<sup>26</sup>. Em TC2, Siqueira opta pela palavra “Gujaráti”, semelhante ao termo presente em TP.

---

<sup>26</sup> Ambas são integrantes das 23 línguas oficiais faladas na Índia.

Britto, por sua vez, opta por outro termo em língua portuguesa “Guzerati”, que designa o mesmo idioma. Algo diferente ocorre no caso das opções dos tradutores com relação ao “Orissi”. Siqueira utiliza o termo “oriá”, termo presente em enciclopédias e outras fontes em língua portuguesa para designar o idioma falado na região de Orissa, local onde essa língua é falada. Em TC1, Britto manteve o termo utilizado em TP “Orissi”, que não se encontra em nenhuma fonte de consulta em língua portuguesa. Isto indica que, possivelmente, Britto pode ter tentado incluir um estrangeirismo para solucionar a tradução do termo que designa o idioma em questão.

Estes exemplos são cruciais na reflexão sobre o grau de responsabilidade do tradutor sobre sua tarefa, algo que também pode acarretar vários desafios, afinal, a tarefa tradutória envolve muitas questões referentes a diversos fatores como a ética, a veracidade das informações e o fato de que o tradutor não é o único responsável pelo resultado da tradução, nem pelas influências que interferem na sua atividade tradutória. Editores e revisores também são responsáveis pela manipulação de um determinado texto, exercendo diversas influências, ou até mesmo, impondo sobre as decisões do tradutor.

Além disso, também existem questões extralinguísticas, muitas vezes referentes à cultura receptora, as entidades que solicitam estas traduções, os demais agentes envolvidos e, até mesmo, questões técnicas como a realização de acréscimos ou omissões para atender o limite de caracteres de uma determinada plataforma. Contudo, quaisquer que sejam os problemas que possam ocorrer em um texto traduzido, recaem sobre a responsabilidade do sujeito tradutor, pois é a ele que, por fim, será conferida a autoria do texto de chegada. Embora, como destacamos aqui, vários fatores estejam implicados no resultado da tarefa tradutória.

Avançando um pouco mais, a seguir, analisamos um diálogo entre os personagens que possibilita discutir sobre a responsabilidade envolvida na tarefa tradutória:

**[TP]**

“So these patients are totally dependent on you,” Mrs. Das said. She spoke slowly, as if she were thinking aloud. “In a way, more dependent on you than the doctor.”

“How do you mean? How could it be?”

“Well, for example, you could tell the doctor that the pain felt like a burning, not straw. The patient would never know that you had told the doctor, and the doctor wouldn’t know that you had told the wrong thing. It’s a big responsibility” (LAHIRI, 1999, p. 18).



**[TC1]**

“Quer dizer que esses pacientes dependem totalmente do senhor”, disse a sra. Das. Falava devagar, como se estivesse pensando em voz alta. “De certo modo, eles dependem mais do senhor do que do médico.”

“Como assim? Como isso pode ser?”

“Bom, o senhor podia dizer ao médico que a dor era mais uma ardência que uma sensação de palhas espetando. O paciente nunca ia saber o que foi que o senhor disse ao médico, e o médico também não ia saber que o senhor traduziu errado. É uma tremenda responsabilidade” (BRITTO, 2001, p.66).

**[TC2]**

— Então esses pacientes são totalmente dependentes do senhor — disse a sra. Das. Ela falou devagar, como se estivesse pensando alto. — De certa forma, mais dependentes do senhor que do médico.

— Como assim? Como pode ser?

— Bom, por exemplo, o senhor podia dizer para o médico que a dor era mais uma queimação do que uma palha. O paciente nunca ia saber o que o senhor disse para o médico e o médico nunca ia saber que o senhor tinha falado errado. É uma grande responsabilidade (SIQUEIRA, 2014, p. 59).

Nestes excertos, é possível notar que as narrativas trazem a temática da responsabilidade do tradutor como algo bastante positivo se partirmos da visão da Sra. Das. Ela demonstra reconhecimento da capacidade do Sr. Kapasi em manipular informações, bem como da sua responsabilidade sobre o que traduz. Algo que o Sr. Kapasi aparenta não estar completamente consciente.

Mediante o cotejo dessas narrativas, notamos que Britto intensifica a responsabilidade do Sr. Kapasi, que em TP consta como “It’s a big responsibility”. Em TC1, Britto reescreve que “é uma tremenda responsabilidade”. Siqueira, em TC2, opta por uma resolução literal<sup>27</sup>: “é uma grande responsabilidade”.

Um outro fato é que para solucionar o excerto “the doctor wouldn’t know that you had told the wrong thing”, Britto reescreve que “[...] o médico também não ia saber que o senhor traduziu errado”. Esta opção trata-se de uma escolha bastante delicada, em nosso entendimento, pois, neste caso, o termo “traduziu” é empregado sem priorizar a possibilidade de um discurso que corresponda ao texto fonte. Em seu texto Lahiri distingue cuidadosamente termos como “traduzir”, para referir-se aos momentos em que o Sr. Kapasi atua como tradutor e “interpretar” para as menções de seu ofício enquanto intérprete, o que não acontece neste ponto da reescrita de Britto. Siqueira, optando por uma alternativa literal, no excerto “o médico nunca ia saber que o senhor tinha falado errado”, consegue reescrever esta ideia mais próxima do que foi escrito

---

<sup>27</sup> Diferentes autores definem a tradução literal de maneiras distintas. Em nossa concepção, trata-se de uma tradução em que se mantém a estrutura sintática do texto de partida.

em TP, sem resultar em um discurso sobre tradução divergente do que consta na obra fonte. Ademais, com relação aos desafios do sujeito tradutor, não podemos desconsiderar o que remete a sua identidade. A exemplo disto, percebemos que, no conto, o tradutor é representado como alguém deslocado entre uma cultura e outra, muitas vezes definido pelo que os outros dizem sobre ele.

De acordo com Coracini (2007, p.168), o ofício dos profissionais da tradução pode interferir diretamente em sua configuração identitária. Partindo da perspectiva da psicanálise, a autora explica que:

[...] a identidade se resume ao que o sujeito é capaz de dizer (narrar) sobre si, ou seja, sobre o ego (eu), construído necessariamente a partir da relação com o outro – pai, mãe, grupo social... – que o define e que ele internaliza como sendo ele próprio, no desejo de corresponder ao que o outro deseja dele: afinal, o desejo do sujeito é ser o desejo do outro, é ser amado pelo outro, e, para isso, não mede esforços no sentido de ser como o outro deseja que ele seja. É o que parece acontecer com o tradutor, que constrói sua identidade por meio dos vários discursos sobre ele, sobre sua(as) tradução(ões) e sobre a tarefa do profissional da tradução, das imagens ou representações que outros – teóricos sobretudo, mas também outros tradutores – deixam escapar pela linguagem.

A exemplo disto, percebemos que muito do que diz respeito a visão que o Sr. Kapasi tem de seu ofício e, conseqüentemente, de si mesmo, acaba sendo determinada pelo que os outros dizem. No caso do personagem, a forma como sua esposa enxerga seu trabalho acaba sendo um fator que influencia diretamente a construção de sua autoimagem. Vejamos o exemplo a seguir:

**[TP]**

Mr. Kapasi knew that his wife had little regard for his career as an interpreter. He knew it reminded her of the son she'd lost, and that she resented the other lives he helped, in his own small way, to save. If ever she referred to his position, she used the frase "doctor's assistant," as if the process of interpretation were equal to talking someone's temperature, or changing a bedpan. She never asked him about the patients who came to the doctor's office or said that his job was a big responsibility (LAHIRI, 1999, p. 19).

**[TC1]**

Sabia que sua mulher não tinha grande consideração por seu trabalho como intérprete. Sabia que essa atividade lhe trazia à memória o filho morto, e que não lhe agradava a ideia de que ele estava ajudando a salvar outras vidas, ainda que de modo modesto. Quando ela se referia a seu trabalho, usava a expressão 'ajudante de médico', como se interpretar equivalesse a tomar a temperatura de um paciente ou esvaziar uma comadre. Jamais lhe perguntava a respeito dos pacientes que frequentavam o consultório médico, e nunca lhe disse que seu trabalho era uma tremenda responsabilidade (BRITTO, 2001, p. 67 – 68).

**[TC2]**

Sabia que a esposa tinha pouca consideração por seu trabalho de intérprete. Sabia que a fazia lembrar do filho que perdera e ela se ressentia das outras vidas que ele ajudava a salvar, em sua miudez. Se ela alguma vez mencionava seu trabalho, usava a expressão ‘assistente de médico’, como se o ato de traduzir correspondesse a tirar a temperatura de alguém ou trocar um urinol. Ela nunca perguntara a ele sobre os pacientes que iam ao consultório, nem dissera que seu trabalho era de grande responsabilidade (SIQUEIRA, 2014, p. 60 – 61).

Como descrito nas narrativas, devido à perda de seu filho, a esposa do Sr. Kapasi acabou desenvolvendo aversão por seu ofício como intérprete, reagindo de uma maneira que influenciou na configuração identitária do marido. Em nossa percepção, estas narrativas demonstram o quanto a inferiorização do ofício do Sr. Kapasi por sua esposa, resulta em uma redefinição de sua identidade no momento em que ele ouve comentários positivos a respeito de seu ofício, como veremos mais adiante. A respeito da inferiorização do ofício do Sr. Kapasi enquanto intérprete, vale ressaltar que esta pode ser associada à tarefa tradutória e ao sujeito tradutor, visto que foi incutido um estado de marginalização tanto para este profissional quanto para seu ofício durante muito tempo.

Nesse seguimento, Stuart Hall (2006, p.13) explica que a identidade se trata de um processo inacabado e constante. Para o autor, é mais viável referir-se à identidade como identificação, pois “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Exatamente, o que ocorre com o Sr. Kapasi, deslocado entre as percepções de diferentes culturas sobre seu ofício. Isto fica bem claro nas palavras de Hall (2006, p.13) ao afirmar que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas”. O que remete ao fato que o Sr. Kapasi não possui uma identidade fixa, mas em constante conflito, de modo que, ao associarmos estas reflexões aos desafios do tradutor, podemos perceber que este profissional enfrenta um desafio identitário resultante do que os outros dizem sobre sua tarefa.

A respeito das reescritas para o português, nos excertos acima é interessante observar que Lahiri e Britto deixam bem claro os termos que remetem ao processo de interpretação. Já Siqueira, em TC2, ao reescrever “the process of interpretation” como “o ato de traduzir”, não fez distinção entre os termos interpretar e traduzir, assim como Britto em outros momentos da narrativa. Além disto, um outro termo intrigante e

relacionado às teorias estruturalistas aparece em TC1, quando Britto utiliza a ideia de “equivalência” para traduzir “were equal”, ao passo em que Siqueira, utiliza a ideia de “correspondência”, uma solução criativa.

Vejamos, então, as narrativas nas quais o Sr. Kapasi é surpreendido pela Sra. Das, que, ao contrário de sua esposa, refere-se ao seu ofício como algo “romântico”, demonstrando interesse por sua profissão:

**[TP]**

Mr. Kapasi had never thought of his job in such complimentary terms. To him it was a thankless occupation. He found nothing noble in interpreting people's maladies, assiduously translating the symptoms of so many swollen bones, countless cramps of bellies and bowels, spots on people's palms that changed color, shape, or size (LAHIRI, 1999, p.18).

**[TC1]**

O Sr. Kapasi nunca tinha encarado o seu trabalho de modo tão positivo. Para ele, era uma atividade ingrata. Não via nada de nobre em interpretar os males das pessoas, traduzindo fielmente os sintomas de tantas inchações, tantas cólicas estomacais e intestinais, tantas manchas na mão que mudavam de cor, forma e tamanho (BRITTO, 2001, p. 66).

**[TC2]**

O Sr. Kapasi nunca tinha pensado em seu trabalho com termos tão elogiosos. Para ele era uma ocupação não gratificante. Não achava nada nobre interpretar os males dos outros, traduzindo assiduamente os sintomas de tantos ossos inchados, incontáveis cólicas abdominais e intestinais, manchas nas palmas das mãos que mudavam de cor, de forma, de tamanho (SIQUEIRA, 2014, p. 59).

Nesse sentido, assimilando ao que o sujeito tradutor enfrenta, podemos destacar a falta de visibilidade que por muito tempo foi predominante em relação ao seu ofício. A trajetória dos Estudos da Tradução com ênfase no sujeito tradutor é recente. Estes profissionais foram desvalorizados por muito tempo, de modo que, até mesmo, foram alvo de um ideal de invisibilidade, pois, como explica Lawrence Venuti (*apud* Narcelli Piucco. 2008, p. 180), havia uma visão de que quanto mais bem-sucedida era uma tradução, maior era a invisibilidade do tradutor e maior a visibilidade do autor. Assim, esta atitude resultou no apagamento do trabalho do tradutor, pois a descoberta dele no texto era indesejável.

Um ponto notável na tradução dos excertos aqui analisados são as decisões tomadas pelos tradutores com relação à reescrita de “assiduously translating”. Afinal, em TC1, por exemplo, a aparição do termo “fielmente”, novamente pode revelar um discurso tradicional sobre tradução, ao passo em que o emprego do termo

“assiduamente” em TC2, apesar de ser uma iniciativa literal, corresponde ao discurso presente no texto fonte.

Assim, é importante ressaltar que cada tradutor possui alguma teoria ou ideia a respeito de tradução, que norteia suas práticas e seu discurso sobre este assunto. Portanto, na reescrita de Britto, o uso de termos que remetem à teorias estruturalistas, acabam divergindo do discurso de Lahiri no texto fonte. Em casos como estes, em que aparece um termo já refutado pelas teorias contemporâneas da tradução, não podemos deixar de salientar a necessidade de superar a aparição de termos como “fidelidade”, “originalidade”, “equivalência”, entre outros.

Vale ressaltar que, nesse caso em específico, talvez Britto tenha empregado um termo que em seu ponto de vista aparentava ser coerente para realizar a reescrita da assertiva em questão. Uma breve consulta em algumas de suas entrevistas e trabalhos publicados no período em que realizou a tradução de *Interpreter of Maladies* revelam que o autor, em vários momentos, utilizava termos oriundos de teorias estruturalistas. Portanto, neste excerto em específico, assim como em um dos excertos anteriores no qual o tradutor em questão emprega o termo “equivalente”, é possível verificar que sua reescrita culmina em um discurso agarrado às teorias estruturalistas, o que, conseqüentemente, gera uma ideia divergente a do texto fonte no qual Lahiri concebe um discurso coerente com às perspectivas contemporâneas da tradução.

No que se refere ao ato de traduzir, no excerto a seguir, ocorre uma menção ao desafio intelectual enfrentado pelo Sr. Kapasi como intérprete. Ao assimilarmos estas narrativas à tarefa tradutória, podemos perceber a valorização deste ofício:

**[TP]**

For this reason it flattered Mr. Kapasi that Mrs. Das was so intrigued by his job. Unlike his wife, she had reminded him of its intellectual challenges. She had also used the word “romantic”. She did not behave in a romantic way toward her husband, and yet she had used the word to describe him (LAHIRI, 1999, p. 19).

**[TC1]**

Assim, o Sr. Kapasi sentia-se lisonjeado de ver que a Sra. Das se interessava tanto por seu trabalho. Ao contrário de sua mulher, ela destacava o desafio intelectual que havia naquela atividade. Além, disso, usava o termo “romântico”. Não havia nada de romântico no modo como a sra. Das tratava o marido, e no entanto ela empregara a palavra para se referir a ele (BRITTO, 2001, p. 68).

**[TC2]**

Por isso o Sr. Kapasi se sentiu muito lisonjeado quando a Sra. Das ficou tão intrigada com seu trabalho. Ao contrário da esposa, ela o fez lembrar de seus desafios intelectuais. Tinha usado a palavra “romântico”. Não tinha um comportamento romântico com o marido, mas usara essa palavra para descrevê-lo (SIQUEIRA, 2014, p. 61).

Nessas narrativas, destacam-se a valorização e o interesse pela atividade tradutória, bem como uma certa romantização desta tarefa, visto que a Sra. Das se refere ao Sr. Kapasi empregando o termo “romantic”. Além disto, há uma ressalva para dois olhares sob a tarefa tradutória; o da esposa do Sr. Kapasi que, como analisamos anteriormente, não valoriza seu trabalho e a visão da Sra. Das, que sobrepõe as considerações que o inferiorizam e o deixa lisonjeado pela forma como seu trabalho é visto.

Em nossa percepção, os excertos demonstram que a escrita de Lahiri aponta para a valorização da tarefa tradutória e do ofício do tradutor, o que fica bem claro pela predominância de narrativas que dialogam com as teorias contemporâneas da tradução. Isto posto, consideramos a importância da visibilidade que estas narrativas atribuem à tarefa tradutória e ao sujeito tradutor.

A respeito das reescritas destes excertos, é possível explorar a criatividade dos tradutores ao solucionar a frase “For this reason it flattered Mr. Kapasi that Mrs. Das was so intrigued by his job”. Em TC1, Britto emprega o termo “interessava”, Siqueira, por sua vez, opta por “intrigada”, uma decisão que resulta em uma reescrita mais próxima à ideia presente em TP. Além disto, ao longo do excerto, também podemos observar que, em vários momentos, Siqueira opta por traduções literais.

Estes excertos são fundamentais para discutir o desafio que os profissionais da tradução enfrentam com relação à sua própria identidade, pois como Coracini (2007, p.206) ressalta, dada a complexidade de sua tarefa:

[...] o sujeito tradutor se encontra, de modo especial, no lugar privilegiado e ao mesmo tempo (des)confortável do entre-línguas, entre-culturas, situando-se entre visões de língua e de linguagem que advêm de sua formação, sempre atravessada por alguma visão teórica (não necessariamente formalizada) de tradutores e, ao mesmo tempo, de sua experiência na prática cotidiana, como falantes e como profissionais.

Desse modo, Coracini elucida questões que estão ligadas diretamente à identidade do tradutor que, evidentemente, não é fixa, e é norteadas por muitos dos



aspectos inerentes à sua tarefa, como, por exemplo, os desdobramentos que ele sofre pelo fato de lidar com duas culturas ao mesmo tempo.

Nos excertos a seguir, podemos observar que, em TC2, Siqueira finalmente realizou uma distinção entre “traduzir” e “interpretar”, algo que não ocorre em TC1, pois Britto novamente não realiza a distinção entre estas duas atividades. Vejamos:

**[TP]**

“What does a doctor need an interpreter for?”

“He has a number of Gujarati patients. My father was Gujarati, but many people do not speak Gujarati in this area, including the doctor. And so the doctor asked me to work in his office, interpreting what the patients say.”

“Interesting. I’ve never heard of anything like that,” Mr. Das said.

Mr. Kapasi shrugged. “It is a job like any other.”

“But so romantic,” Mrs. Das said dreamily, breaking her extended silence. (LAHIRI, 1999, p.17)

**[TC1]**

“Por que é que o médico precisa de um intérprete?”

“Ele tem vários pacientes guzerates. Meu pai era guzerate, mas nesta região tem muita gente que não fala guzerate, inclusive o médico. Por isso ele me chamou para trabalhar no consultório, traduzindo o que os pacientes dizem.”

“Interessante. Nunca ouvi falar de nada parecido”, disse o Sr. Das.

O Sr. Kapasi deu de ombros. “É um trabalho como qualquer outro.”

“Mas é muito romântico”, disse a Sra. Das, sonhadora, interrompendo seu prolongado silêncio. (BRITTO, 2001, p.64)

**[TC2]**

— E por que um médico precisa de um intérprete?

— Ele tem uma porção de pacientes gujaráti. Meu pai era gujaráti, mas muita gente não fala gujaráti por aqui, inclusive o médico. Então ele me convidou para trabalhar em seu consultório como intérprete dos pacientes.

— Interessante. Nunca ouvi falar disso — disse o Sr. Das.

O Sr. Kapasi encolheu os ombros

— É um trabalho como outro qualquer.

— Mas tão romântico — disse a Sra. Das, sonhadora, quebrando um silêncio prolongado. (SIQUEIRA, 2014, p. 58)

Nesse ponto da narrativa, a tarefa tradutória aparece de duas maneiras. Primeiramente, como algo que suscita a curiosidade e atrai atenção, sendo referenciada como “romântica” e, em seguida, vista por Kapasi como um simples trabalho semelhante a qualquer outro. Relacionando à tradução, de fato, que estes excertos exemplificam o fato de que por muito tempo a tarefa tradutória foi desvalorizada, bem como o tradutor, que não possuía espaço, voz e visibilidade. O que culmina em ressaltarmos mais um desafio enfrentado pelos profissionais da tradução, pois a desvalorização de seu trabalho, apesar de algo que já vêm sendo

combatido por meio de discussões contemporâneas, infelizmente, ainda é uma realidade que pode afetar a identidade do tradutor que, como evidenciado por Coracini (2007, p.179):

[...] encontra-se, então, numa região de conflitos entre o desejo de fidelidade e de reverência ao autor do texto base e o desejo de ser o lugar da origem, de ser completo, que se traduz na ânsia de criatividade e de autoria: ao mesmo tempo em que defende a tradução como criação, o tradutor ou autor do texto traduzido afirma se ater a cada palavra na preocupação com o sentido do texto: deseja-se fiel, mas depara com a infidelidade; pretende-se conhecedor profundo das línguas em questão, mas enfrenta situações em que lhe é impossibilitada a expressão, em que os sentidos e as palavras lhe escapam e isso nas duas línguas (ainda que uma delas seja o que se denomina sua língua materna); imagina controlar os sentidos, a ponto de aproximá-los o mais possível daqueles que supõe estarem impressos no texto de partida, mas vê-se na contingência de enfrentar críticas à sua tradução; deseja, enfim, desaparecer, tornar-se invisível, mas percebe que está sempre presente, nas notas de rodapé (que reduz ao mínimo em obediência às regras editoriais), nas escolhas que tornam sua tradução singular – sempre semelhante a outras, mas ao mesmo tempo diferente.

Coracini, em suas palavras, esclarece os desafios enfrentados pelo sujeito tradutor, que, como vimos anteriormente, são desencadeados por seu ofício e acabam afetando sua identidade. Nesse sentido, compreendemos que esses profissionais se submetem a um processo complexo e muitas vezes paradoxal, pois como a autora demonstra, existe uma série de fatores aos quais este profissional se sujeita, incluindo regras editoriais, a crítica, o desejo de corresponder às ideias do autor do texto de partida, entre outros fatores.

Isto posto, observamos que em determinados momentos do conto, também ocorrem outras menções à tarefa tradutória, a partir das quais podemos demonstrar como a manipulação realizada por diferentes tradutores pode resultar em situações completamente distintas. Os excertos a seguir mostram que o Sr. Kapasi, ao estudar línguas, era adepto de práticas tradutórias, incluindo a reescrita de textos literários.

Vejamos:

**[TP]**

As his mind raced, Mr. Kapasi experienced a mild and pleasant shock. It was similar to a feeling he used to experience long ago when, after months of translating with the aid of a dictionary, he would finally read a passage from a French novel, or an Italian sonnet, and understand the words, one after another, unencumbered by his own efforts (LAHIRI, 1999, p. 21).

**[TC1]**

À medida que sua imaginação disparava, o Sr. Kapasi gozava de uma sensação suave e agradável de espanto. Assemelhava-se ao que ele sentia anos antes quando, após meses traduzindo com a ajuda de um dicionário, finalmente conseguia

ler um trecho de um romance francês, ou um soneto em italiano, e compreender as palavras, uma depois da outra, sem ter de fazer esforço (BRITTO, 2001, p. 70).

**[TC2]**

Enquanto sua cabeça disparava, o Sr. Kapasi experimentou um ligeiro e agradável choque. Era semelhante à sensação que costumava ter muito tempo antes quando, depois de meses traduzindo com a ajuda de um dicionário, ele finalmente lia uma passagem de um romance francês, ou de um soneto italiano, e entendia todas as palavras, uma depois da outra, sem nenhum esforço (SIQUEIRA, 2014, p. 63).

Nesses excertos, podemos notar algumas semelhanças em ambas as reescritas, as quais são decorrentes da possibilidade da tradução literal. A exemplo disto, ambos os tradutores tomaram decisões idênticas nos trechos “traduzindo com a ajuda de um dicionário” e “uma depois da outra”. Na sequência, é interessante que as escolhas dos tradutores culminaram em diferentes descrições da satisfação que o personagem sentia em seu ofício, afinal, os tradutores optam por soluções distintas em “a mild and pleasant shock”, que é reescrita para o português como “uma sensação suave e agradável de espanto” em TC1, e como “Um ligeiro e agradável choque” em TC2.

O ponto alto na manipulação desta referência são as implicações das escolhas dos tradutores ao reescrever “he would finally read a passage from a French novel, or an Italian sonnet”. Inicialmente, a informação-expressa em TC1 é que o personagem lia “um trecho de um romance francês, ou um soneto em italiano”. Assim, é possível compreendermos que, para ele, seria então possível ler um soneto em sua totalidade. O que não acontece em TC2, no qual o personagem “lia uma passagem de um romance francês, ou de um soneto italiano”. Como podemos observar, mediante a reescrita de Siqueira, temos um resultado divergente do texto de partida, pois neste é informado, assim como em TC1, que o personagem era capaz de ler um soneto completo, e não apenas um trecho, como mencionado em TC2.

No mais, esses exemplos podem esclarecer como o processo de reescrita pode afetar as possíveis interpretações de um determinado texto pelas culturas receptoras. Como vimos, a tradução é uma forma de manipulação que recria, em grande parte, diversos aspectos de um texto, muitas vezes se distanciando do discurso presente no texto fonte, incluindo questões como a identidade dos personagens, os elementos que remetem à tradução inseridos no texto de partida e, até mesmo, questões sociopolíticas diversas, como no caso das línguas mencionadas.

Assim sendo, é notável que o conto *Interpreter of Maladies* e suas respectivas

traduções para a língua portuguesa possibilitam reflexões sobre tradução, contribuindo para reflexões teóricas sobre alguns dos desafios enfrentados pelo sujeito tradutor na realização de sua tarefa.

### **Considerações finais**

Ao longo deste estudo, procuramos demonstrar que há elementos presentes nas narrativas do conto *Interpreter of Maladies* que podem possibilitar reflexões acerca da atividade tradutória, as quais podem revelar certos desafios enfrentados pelo sujeito tradutor durante sua tarefa. Isto acontece pois, como relatamos, há um discurso contemporâneo sobre tradução presente na obra de Jhumpa Lahiri, de modo que é possível afirmar que a autora dá visibilidade à tradução e a tarefa tradutória em suas produções literárias e que, de fato, muito desse discurso acaba se perdendo nas reescritas para a língua portuguesa, nas quais os tradutores oscilam entre um discurso que se aproxima de teorias estruturalistas por meio das escolhas realizadas para traduzir alguns termos em específico.

Por meio do cotejo apresentado, mostramos que, possivelmente, os tradutores reescreveram o discurso de Lahiri a seu próprio modo, isto é, incluindo terminologias que consideraram adequadas em seu contexto de reescritura. Portanto, destacamos que em determinados momentos ocorrem incongruências que exemplificam a insistência de teorias estruturalistas ainda muito presentes em estudos contemporâneos que entendemos que, por sua vez, necessitam ser superadas.

Dentre os principais desafios enfrentados pelo sujeito tradutor em sua tarefa, demonstramos que o conto enfatiza o desafio intelectual do tradutor, ressaltando questões identitárias a respeito deste profissional. Portanto, a análise de alguns desafios enfrentados por estes profissionais pode contribuir principalmente para que haja visibilidade da tarefa do tradutor, assim como da tradução no cerne de produções literárias, ampliando a discussão sobre o diálogo existente entre os Estudos da Tradução e os Estudos Culturais.

Desse modo, este estudo pode interessar aos estudiosos da tradução e a comunidade acadêmica de Letras, incluindo estudantes de literatura e de línguas estrangeiras, e, ainda, apreciadores de obras oriundas de culturas distintas, como as



obras de Jhumpa Lahiri, que baseia seus escritos principalmente nas culturas americana e indiana.

## Referências

CORACINI, M. J. R. F. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade:** línguas (materna e estrangeira), prurilingüismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DOBRINESCU, Anca Mihaela. **Travelling across cultures:** Jhumpa Lahiri's Interpreter of Maladies, Romênia: UPG Ploiești, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

LAHIRI, Jhumpa. **Interpreter of Maladies.** In: \_\_\_\_\_, J. Interpreter of Maladies. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 1999.

\_\_\_\_\_, J. **Intérprete de Males.** In: \_\_\_\_\_, J. Intérprete de Males. Trad. Paulo Henriques Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, J. **Intérprete de Males.** In: \_\_\_\_\_, J. Intérprete de Males. Trad. José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

\_\_\_\_\_, J. Intimate Aliention: Imigrant fiction and Translation. In: **Translation, text and theory:** The paradigm of India, R. Bhaya Nair, 113 – 120. New Delhi: Sage. 2002.

\_\_\_\_\_, J. **The Namesake.** Boston: Houghton Mifflin, 2003.

\_\_\_\_\_, J. **In Other Words.** Trad. Ann Goldstein. New York: Bloomsbury, 2016.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária.** Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

PIUCCO, Narcelli. **Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução:** algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. Revista Trama. Volume 4. Número 7, 1º Semestre de 2008.